

JESUS EXPULSA O MAL DAS PESSOAS E DAS INSTITUIÇÕES: UMA ANÁLISE DA EXPULSÃO DOS DEMÔNIOS DO GERASENO E DOS VENDILHÕES DO TEMPLO DE JERUSALÉM

JESUS EXPULS THE EVIL OF PEOPLE AND INSTITUTIONS: AN ANALYSIS
OF THE EXPULSION OF THE DEMONS FROM THE GERASENE AND THE
SELLERS OF THE TEMPLE OF JERUSALEM

*João Luiz Correia Júnior**

*Jair Rodrigues Melo**

RESUMO

* Doutor (1998) em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC RIO). Pós-doutor (2012) pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GOIÁS), Professor e pesquisador da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), onde leciona no Curso de Teologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Linha de Pesquisa Tradição Judaico-cristã Cultura e Sociedade. É membro do Grupo de Pesquisa "Cristianismo e Interpretações", da UNICAP. Ensina e pesquisa nas seguintes áreas do conhecimento: Exegese e Hermenêutica de Textos Bíblicos; Antigo e Novo Testamento; análise literária e sociológica dos Evangelhos Sinóticos; o Movimento de Jesus (na fronteira entre Bíblia e História). Tem artigos e livros publicados por editoras como Paulinas e Vozes. É natural da Cidade do Recife-PE, onde reside. Assessora o CEBI - Centro de Estudos Bíblicos, em Pernambuco, trabalhando o tema Bíblia e Espiritualidade. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3766759231709168>. E-mail: jota@unicap.br.

* Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco com pesquisa na fronteira entre Psicologia e Religião e Mestre em Ciências da Religião (área bíblica) pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Graduado em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. Psicólogo com atuação na área clínica com abordagem em Análise do Comportamento, professor de História e e Psicologia da Universidade Regional do Cariri (URCA) e professor de Bíblia no Seminário São José da diocese de Crato. Membro da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (ABIB). Ênfase nos temas: Psicologia da Religião, Análise do Comportamento, História e Literatura, Hermenêutica e exegese bíblica e Línguas Bíblicas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5040901210700977>. E-mail: contatojairrodrigues@gmail.com.

Ao passo que Jesus anunciava a boa nova do Reino, ele também combatia fortemente as forças do mal presente não apenas na experiência individual das pessoas, mas, sobretudo, o mal institucionalizado na religião e na política. O texto de Marcos 5,1-20 une narração comum de exorcismo com resistência ao poder romano. Com bela arte literária, o leitor é conduzido aos caminhos de uma libertação integral. Além disso, uma das ações mais ousadas de Jesus é sua intervenção quando expulsara os vendedores do Templo de Jerusalém. Sem dúvida, trata-se de um episódio muito importante para a compreensão da ação messiânica de Jesus. Prova disso é que a narrativa está presente nos quatro Evangelhos. Por que Jesus teria agido com tamanha indignação ética? Que forças maléficas estavam sendo denunciadas com esse gesto simbólico? Em busca dessas respostas, buscamos compreender o alcance da Boa Nova de Jesus em textos do evangelho segundo Marcos.

Palavras-chave: Exorcismo; Messianismo; Movimento de Jesus; Gesto simbólico.

ABSTRACT

As Jesus announced the good news of the Kingdom, he also fought strongly the forces of evil present not only in the individual experience of the people, but above all, the institutionalized evil in religion and politics. The text of Mark 5: 1-20 unites common narration of exorcism with resistance to Roman power. With beautiful literary art, the reader is led to the paths of integral liberation. In addition, one of Jesus' most daring actions is his intervention by driving out sellers from the Jerusalem Temple. Undoubtedly, this is a very important episode for understanding the messianic action of Jesus. Proof of this is that the narrative is present in the four Gospels. Why would Jesus have acted with such ethical indignation? What evil forces were being denounced with this symbolic gesture? In search of these answers, we seek to understand the scope of the Good News of Jesus in gospel texts according to Mark.

Key-words: Exorcism; Messianism; Expulsion; Movement of Jesus; Symbolic gesture.

INTRODUÇÃO

A narrativa da expulsão dos demônios do geraseno e a dos vendilhões do templo, apesar de manterem distinções literárias e teológicas, também podem ser vistas em conjunto, unidas por um tema central no ministério de Jesus: o combate às forças do mal, principalmente do mal que se manifesta institucionalizado, seja no âmbito religioso, seja no âmbito político.

A narrativa de Mc 11,15-19 é um episódio muito importante na ação messiânica de Jesus; tão importante, que está presente nos quatro Evangelhos. Esse episódio denuncia a corrupção dentro do Templo, um dos pilares da cultura religiosa judaica.



Num gesto carregado de indignação, Jesus entra no Templo, expulsa vendedores e compradores, vira as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas, e não permitia que ninguém carregasse objetos através do espaço sagrado do Templo. E, por meio de ensinamentos das Sagradas Escrituras, deixa evidentes as causas de sua indignação: a casa do Senhor, o Templo, que segundo o oráculo de Isaías (56,7) é “a casa de oração é para todos os povos”, foi transformada num “covil de ladrões”, termo que se encontra em um dos oráculos de Jeremias (Jr 7,11).

O mal não se manifestava apenas na corrupção no templo, mas também através da ação demoníaca em instituições como o exército do Império Romano. O texto que está em Mc 5,1-20 oferece possibilidades de interpretação que articulam críticas ao poder opressor do Império Romano através do exército, chamado de “Legião” e exorcismo. Como essa articulação foi possível? De que modo ela se configura como forma de resistência cristã ao poder imperial? Como Jesus combate as corrupções política e religiosa? Essas questões serão aprofundadas ao longo do presente trabalho. Para tal, serão consideradas as proposições teórico-metodológicas do método histórico-crítico.

1. IMPUREZA, ESPÍRITOS IMUNDOS E EXORCISMO EM MC 5,1-20

A classificação de objetos, alimentos, animais e condições humanas como puras ou impuras tem enorme importância na tradição hebraica. A palavra “*tamé*” (*impuro, imundo*) e seus derivados ocorrem 279 vezes na bíblia hebraica¹. O maior problema para uma pessoa impura era a restrição de acesso ao sagrado e, pelo fato de ela ser transmitida, havia também restrição no contato com pessoas e objetos. Impuro denota condição de impedimento. Em Lv 7,19-21 destaca-se que uma pessoa contaminada não pode comer do sacrifício. Ela também deveria manter-se fora do acampamento, pois lá habitava o Senhor (Nm 5,1-4). Nessa perspectiva, a manifestação do sagrado ocorria apenas em lugares e condições puras. Onde havia impureza Javé se mantinha afastado, pois ele é puro, santo, perfeito e separado.

1 HARRIS, Laird R. et al. Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 271.



No judaísmo do primeiro século, preservava-se a ideia de que havia um círculo geográfico do puro e do impuro. O lugar mais puro era o “*Santo dos Santos*”, que ficava no Templo de Jerusalém. De forma que, quanto mais distante desse lugar, maior era o nível de impureza. Determinadas regiões eram notadamente impuras, pela distância em relação a este centro e também pela condição de vida dos seus habitantes. A Galileia, por exemplo, não era bem vista pelos que habitavam a Judeia². Em Jo 1,46 se lê: “E de Nazaré pode sair algo bom?” Além disso, mesmo que uma pessoa habitasse uma localidade considerada pura, mas a depender de suas origens familiares e do seu círculo social, ela poderia estar em condição de impureza leve ou grave.

Na narrativa do exorcismo do homem com espíritos imundos em Mc 5,1-20, vê-se que a cidade de Gerasa era tida como região impura. Essa cidade estava situada a mais de 50 quilômetros do Lago de Tiberíades. A impureza de Gerasa não era apenas pela distância em relação a Jerusalém, mas, sobretudo, por ser uma cidade helenista³. Sua fundação foi atribuída a Alexandre, o Grande. Dada a sua formação cultural, Gerasa tinha vários templos dedicados aos deuses gregos.

Para o povo judeu, a idolatria contaminava a terra (cf. Ez 36,18; Gn 35,2). Gerasa, por ser lugar de culto a outros deuses, era local impuro e, por isso, na mentalidade judaica, um judeu não deveria ir pra lá, sob pena de ficar impuro, pois local impuro é fonte de impureza.

Um dos locais de maior impureza numa cidade é o cemitério. De acordo com Nm 19,16, encostar num túmulo implica ficar impuro, por isso, nos tempos de Jesus, os sepulcros eram caiados, a fim de ajudar as pessoas a, ao identificá-los se isentarem de contaminação. Um cemitério era considerado uma grande fonte de impureza pela grande quantidade de túmulos ali presentes.

O homem geraseno, além de habitar uma cidade impura, procedia de um lugar que era fonte de impureza, o cemitério de Gerasa. Estar presente em local impuro resulta

2 THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. O Jesus histórico: um manual. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 186.

3 MCKENZIE, John L. Dicionário bíblico. São Paulo: Paulus, 1983, p. 385.



em contrair impureza. Dessa forma, ele é apresentado no texto como vítima de uma série de espíritos impuros.

A expressão grega πνεύματι ἀκαθάρτῳ (espírito imundo) aparece em Mc 5,1-20 como equivalente à expressão δαιμόν (demônio). No versículo 15, percebe-se que o homem era endemoninhado, ou seja, era dominado por espíritos imundos, estava possuído por demônios. Mas, afinal, quem eram os demônios?

Já no Antigo Testamento, os demônios são associados a espíritos que, ao possuírem pessoas, causam-lhes enormes danos. Em I Sm 16,14, lê-se que todas as vezes que um “espírito mal” acometia Saul ele entrava em profunda tristeza e loucura.

No judaísmo neotestamentário, percebe-se uma influência da demonologia mesopotâmica e da fé grega nos *daimones*. De acordo com essas culturas, havia seres intermediários entre os deuses e os homens, que podiam fazer o mal aos seres humanos. Sob influência da cultura mesopotâmica, os judeus acreditavam que os demônios eram causa de diversas doenças e desgraças.

Os demônios são também chamados de “anjos” de satanás, para quem está destinado o fogo eterno (Mt 25,41). O texto de I Jo 4,1 alerta os cristãos para que saibam discernir entre o espírito que é de Deus e o que não é.

Na Palestina do I século, havia inúmeros exorcistas e Jesus se apresenta como um deles.

O Jesus histórico atuou como médico e exorcista itinerante. Assim como seus contemporâneos, ele atribuía a demônios a causa das enfermidades do corpo e da mente. Logo a cura consiste na expulsão do intruso... As expulsões de demônios e as curas de diversas doenças são vistas como a mesma coisa para o homem daquela época.⁴

Nas experiências de possessão demoníaca nos textos bíblicos, notam-se algumas características comuns entre elas, como a entrega do indivíduo ao demônio, a luta entre o demônio e o exorcista e a atividade demoníaca destruidora tanto interna quanto externa ao sujeito.

⁴ VAILATTI, Carlos Augusto. *Manual de Demonologia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 90.



De acordo com Merz⁵, a ausência de rituais nos exorcismos de Jesus é um dos seus distintivos. Flávio Josefo destacava que o exorcista judeu Eleazar utilizava diversas fórmulas conjuratórias, um anel e também uma raiz para expulsar um demônio.

No evangelho segundo Marcos, os exorcismos feitos por Jesus são sinais da manifestação do Reino de Deus. Jesus, ao anunciar a boa nova, liberta as pessoas de suas mazelas e, pelo poder de sua palavra, livra as pessoas da influência de todo mal.

2. LEGIÃO A SERVIÇO DA *PAX ROMANA*

Em Mc 5,9, Jesus pergunta ao demônio que acometeu aquele homem qual era o seu nome e ele responde: “Legião é o meu nome, porque somos muitos.” O termo “Legião” não era estranho para as sociedades dominadas pelo Império Romano, pois esse era o nome do exército que fazia valer a segurança, a expansão e consolidação do poder imperial. Tudo isso ocorria sob a égide da chamada “*pax romana*.”

O poder das legiões romanas se fundamentava numa estrutura complexa de cargos, funções e localizações estratégicas que favoreciam o controle imperial. A força brutal era um poderoso instrumento de dominação. Nesse sentido, pode-se dizer que:

A força legionária romana era considerada letal. Dois exemplos são significativos: 1) o governador Varo precisou de três legiões e tropas auxiliares para esmagar revoltas na terra judaica. Quando ele chegou a Jerusalém, crucificou, segundo o relato de Josefo (Guerra, 2.75), “dois mil rebeldes”. As crucificações em massa marcaram o começo e o fim da primeira guerra romano-judaica; 2) no início do verão de 66 d.C., Floro, governador romano da terra judaica, ordenou a suas tropas que atacassem dentro da cidade.⁶

A partir do surgimento do Império Romano em 27 a.c., o imperador Otávio Augusto implantou uma série de medidas administrativas que objetivavam atenuar as tensões sociais, garantir a estabilidade do poder romano nas províncias e realçar o poder controlador do imperador; trata-se da *pax romana*. Tais medidas eram, sobretudo,

⁵ THEISSEN; MERZ. *O Jesus histórico: um manual*. P. 317.

⁶ ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Exército Romano: conquista, terror e violência*. PISTIS PRAXIS, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 69, jan/jun, 2011.



caracterizadas pelo uso da violência para combater qualquer tipo de afronta ao poder imperial. Nesse sentido, a formação de legiões também estava orientada para tais objetivos.

Na época da produção do evangelho segundo Marcos (ou um pouco depois), provavelmente, os cristãos conheceram mais profundamente o poder repressor do exército romano, na ocasião da guerra dos judeus contra Roma entre 66 e 70 d.C. Nessa guerra, Vespasiano, a quem foi confiada a direção da guerra por Nero, dispôs de três legiões da Síria e uma quarta recrutada no Egito. Sem grandes dificuldades os legionários conseguiram destruir os focos de resistência judaica e se apoderaram facilmente de cidades como Tiberíades, Gamala (em Galunítide) e do Monte Tabor⁷.

Diante da força das legiões romanas, muitos provincianos sucumbiram. Como elas estavam especialmente a serviço dos interesses do imperador, usavam da força militar para consolidar a ideologia imperial, fato que, por diversas vezes, entrava em confronto direto com os cristãos. Para exemplificar esses conflitos, pode-se citar a exigência do culto imperial, cuja resistência por parte dos cristãos se manifesta em textos apocalípticos com narrativas de culto ao Deus único interpretado como “Rei dos reis” e “Senhor dos senhores” (cf. Ap 17,1-18).

3 EXORCISMO E RESISTÊNCIA POLÍTICA NO TEXTO EM QUESTÃO

Atualmente, o Método Histórico Crítico tem mantido grande força nas produções acadêmicas que versam sobre os textos bíblicos. Fundado no final do século XVIII, ele oportuniza uma forma de trabalho com a Bíblia baseada na crítica literária, crítica de fontes, redação e forma.

Essa proposta de problematização do contexto de produção do texto bíblico, levando em consideração a análise crítica de seu processo redacional, é bastante expressiva em relação ao método histórico-crítico, que é, sem dúvida, uma das metodologias de trabalho com os textos bíblicos mais influentes na exegese contemporânea. Por esse viés, pode-se dizer que:

⁷ SAULNIER, Christiane; ROLLAND, Bernard. *A Palestina no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1983, p. 91.



Grande parte da Bíblia apresenta um relato narrativo de acontecimentos que afetaram a vida dos judeus antigos e dos cristãos primitivos, por isso os diversos relatos têm de ser analisados contra o pano de fundo humano e histórico apropriado, em seus contextos contemporâneos e em suas línguas originais⁸.

Em relação ao texto em questão, sabe-se que, em seu processo redacional, ele sofreu alterações importantes até chegar à estrutura atual. Possivelmente, os versículos 1 a 8 faziam parte de uma narrativa mais antiga de exorcismo, no qual a ordem para saída do corpo do possesso marcava a libertação imediata do possesso. No texto em questão, após a ordem de Jesus “sai deste homem, espírito impuro” (cf. Mc 5,8), ele ainda mantém diálogo com o espírito impuro ao perguntar o seu nome, conforme se lê no versículo 9. Dando a conotação de que o espírito não saiu imediatamente, porém percebe-se que duas narrativas distintas foram costuradas.

Tem-se aqui, de fato, uma associação da possessão com críticas ao poder do Império Romano. Dessa forma, pode-se perceber que há uma “costura” no texto no qual, a partir do versículo 9, demonstra-se que a narrativa anterior recebeu acréscimos que dão novo direcionamento acerca do sentido daquele episódio.

No que diz respeito às fontes utilizadas pela tradição marcana para elaboração do texto, a fonte dos ditos, material provavelmente útil na produção deste evangelho, já trazia narrativas de exorcismos⁹. E, neste caso, tais narrativas poderiam receber uma nova perspectiva de construção literária em função das condições sócio-históricas de comunidades cristãs que partilhavam essas memórias.

O evangelho segundo Marcos apresenta Jesus como o messias que proclama e aproxima as pessoas do Reino de Deus, especialmente os pobres e marginalizados. A proclamação do Reino consiste em palavras e sinais, que constituem a dupla faceta da revelação¹⁰. Dentre a série de milagres que Jesus realizou, encontram-se os exorcismos. Nessas narrativas, Jesus é interpretado como aquele que vence o diabo e seus demônios, sendo esses a causa última de todos os males.

⁸ FITZMYER, Joseph A. *A interpretação da Escritura: Em defesa do método histórico-crítico*. São Paulo: Edições Loyola, 2011, p. 78.

⁹ THEISSEN; MERZ. *O Jesus histórico: um manual*. P. 317.

¹⁰ MONASTERIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antonio Rodríguez. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Editora Ave Maria, 2000, p. 134.



Isso significa que, com a presença do Reino, já não existe nenhum mal que possa ser considerado definitivamente inevitável e irresistível. Todo o mal será destruído, já não há motivo para o fatalismo. Jesus começou esta luta, na qual devem cooperar todos os seus até alcançar a vitória final, que será realizada em sua parusia. De acordo com a mentalidade dos contemporâneos de Jesus, os espíritos impuros estavam nas origens das enfermidades e das desgraças. É uma concepção que reflete uma visão religiosa do mal, que vê a desordem do mundo a partir da revelação, ângulo diferente das causas imediatas experimentais.¹¹

Em Mc 5,9, os espíritos maus que acometeram o geraseno são chamados de Legião. Vale ressaltar que, nos rituais de exorcismos nos tempos de Jesus, perguntar o nome do demônio era muito importante para saber de que ele era capaz na vida daquele que foi por ele acometido. Encontra-se aqui uma referência ao exército romano, principal instrumento de coerção do Império. As ações da Legião, oriunda de realidades impuras (já que veio do cemitério), conferem àquele homem um poder descomunal. De tal forma que nem com correntes conseguiam prendê-lo, ninguém conseguia subjugá-lo. O texto marcano realça o poder de Jesus dizendo que o homem, ao vê-lo de longe, prostrou-se aos seus pés, reconhecendo sua filiação divina (cf. Mc 5,6).

A relação entre a Legião romana e os espíritos impuros, neste texto, aponta críticas ao poder romano. Roma era politeísta e divinizava o imperador, bem como exigia dos povos subjugados a mesma reverência ao seu *pontifex maximus*. As práticas idolátricas eram interpretadas como uma das principais causas da impureza. Roma era considerada cidade impura e transmissora dela. Por isso, dela provinham espíritos imundos capazes de oprimir e originar diversos males.

O pedido para que eles fossem enviados aos porcos faz sentido também na medida em que compreendemos o porco como animal impuro, conforme se lê em Lv 11,7. Na concepção judaica, pessoas, animais e objetos impuros estão privados da ação divina e, por isso, mais propensos à influência de espíritos maus. Apesar da influência da cultura judaica, os cristãos entendiam que Jesus era fonte de toda pureza e purifica quem dele precisa. Nesse sentido, os espíritos maus vão para os porcos em função de sua condição de impureza. Percebe-se que a “Legião” termina sendo reduzida à

11 MONASTERIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antonio Rodríguez. Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos. P. 134.



ação em porcos e nem mesmo esses a suportam, precipitando-se no mar. Nesse sentido, entende-se que:

A verdadeira batalha narrada pelo “evangelho” se desenrola entre Jesus, o Humano, e o domínio de Satanás administrado pelos “homens fortes” como César por exemplo. Logo depois que Jesus rompe com a classe dirigente judaica mediante a ação simbólica do exorcismo na sinagoga, ele também chama a atenção dos imperialistas romanos na narrativa do endemoninhado geraseno. Marcos em lugar algum é mais ousado que em 5,9s, o único lugar em que Jesus arranca de um demônio a declaração de sua identidade.¹²

Em Mc 5,15 demonstra-se que as pessoas ficaram admiradas por verem o homem que fora endemoninhado em são juízo. Enquanto estava sob o poder dos espíritos impuros, era completamente dominado por eles. Estava impedido de usar suas próprias faculdades mentais e discernir sobre suas atitudes. Sob o poder da Legião, esse homem havia-se tornado meramente passivo. Após o exorcismo, livre do poder opressor, assume sua condição de sujeito. Estar em são juízo significa que ele estava apto para pensar, julgar e agir conforme suas próprias capacidades. Sob o jugo do domínio imperial, as pessoas perdiam a condição de sujeito e a lucidez necessária para discernir caminhos de vida em plenitude.

A brutalidade com a qual o exército romano tratava comunidades judaicas (vale ressaltar que não faziam claras distinções entre judeus e cristãos) tinham o objetivo de levar o povo à submissão¹³. Assim se expressam Horsley e Hanson:¹⁴ “repetidamente os exércitos romanos incendiaram e destruíram completamente cidades e massacraram, crucificaram ou escravizaram suas populações. ”

A mudança de comportamento do geraseno permite identificar o que significa estar sob influência da Legião e o que significa estar liberto por Jesus. Livre da Legião, o homem assume a condição de sujeito e também anuncia as ações de Jesus em sua vida. Sob o poder da Legião é passivo e oprimido.

¹² MYERS, Ched. *Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 502.

¹³ HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. *Bandidos profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 44.

¹⁴ HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. *Bandidos profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. P. 44.



Não só o Jesus histórico tinha uma atividade como exorcista, mas também essa atividade tinha uma grande importância para a sua autocompreensão. Nessa perspectiva, os exorcismos realizados por Jesus eram expressão de que as pessoas estavam vivendo tempos novos, os tempos do estabelecimento definitivo do Reino de Deus, cujo poder liberta de todas as opressões¹⁵.

O texto marcano, ao unir exorcismo e críticas ao poder opressor do exército romano, demonstra que, já em meados da década de 60 do primeiro século, a memória sobre as ações de Jesus, transformadas em narrativas escritas, estavam orientadas para a resistência ao opressor. A literatura se constituiu como importante instrumento de fortalecimento da fé cristã apesar das adversidades.

4 O CONTEXTO HISTÓRICO DE MC 11,15-19

A partir da análise da narrativa de Mc 11,15-19, dois pontos devem ser aprofundados, do ponto de vista histórico: primeiro, a existência de um forte comércio no Templo de Jerusalém, com vendedores e compradores de moedas, por meio de cambistas, e vendedores de animais para o sacrifício (por exemplo, pombas); e, segundo, a proibição de carregar objetos religiosos utilizados no culto;

Vejamos cada uma desses pontos, buscando compreender suas repercussões históricas naquele período.

4.1 A existência do comércio no Templo

O comércio no Templo fazia parte da rotina daquele espaço sagrado. Os “cambistas” trabalhavam na troca de moedas, sem as quais não haveria o comércio; “os vendedores” ganhavam o sustento oferecendo animais para serem sacrificados, e os “compradores” eram peregrinos que precisavam desses animais para o culto a Deus¹⁶.

Vejamos, um pouco mais, em detalhes, o perfil dos personagens desse comércio no Templo.

Os cambistas:

¹⁵ THEISSEN; MERZ. *O Jesus histórico: um manual*. P. 317.

¹⁶ MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 360.



No átrio ou praça dos gentios, onde se realizava o comércio no Templo, peregrinos de diversas regiões da Palestina ou da diáspora necessitavam trocar suas moedas estrangeiras por moedas locais de Jerusalém para o pagamento das taxas e compra de animais a serem oferecidos como sacrifício religioso¹⁷.

Esse era o serviço prestado pelos cambistas. Eles trocavam moedas gregas ou romanas dos peregrinos, em moedas da Judeia ou de Tiro, as únicas com que se podia comercializar e pagar as dívidas com o Templo. Devido ao fato de Jerusalém ser extremamente cosmopolita, com rendas provenientes da diáspora judaica espalhada sobre todo o mundo mediterrâneo, os cambistas devem ser vistos como representantes dos interesses de pessoas que estavam por trás de toda essa movimentação financeira, e que, por isso mesmo, detinham considerável poder econômico.¹⁸

O comércio dos vendedores de pombas:

A referência aos que vendiam pombas (e pássaros) denota um comércio voltado para os fiéis mais pobres: purificação de mães que acabaram de dar à luz (Lc 2,24; Lv 12,8); purificação de leprosos (Lv 14,22) e outras finalidades (Lv 15,14.29).

Segundo Joachim Jeremias, o sacrifício dos pobres, dois *qinnîm* (dois pássaros, um par de pombas ou de rolas) chegaram a custar um denário de ouro, cada um. Diante desse preço exorbitante, houve uma intervenção no sentido de reduzir esse valor, feita por Rabban Shimeon, filho de Gamaliel I (mestre de Paulo, At 22,3), membro influente do Sinédrio na época da guerra judaica (66 a 73 d.C.). Ele declarou: “Por esta morada [o Templo] não dormirei esta noite antes de tê-los feito baixar de preço a um denário [de prata]”. Então ele foi ao tribunal e determinou: Em certos casos, é suficiente em lugar de cinco sacrifícios de pássaros, trazer um só [ele temia que os pobres, em consequência do preço elevado, não pudessem oferecer sacrifícios]. No mesmo dia, o preço dos dois *qinnîm* baixou para ¼ de denário [de prata] cada um. Como o denário de ouro vale 25 denários de prata, este decreto do Sinédrio, segundo a Mishnah,

¹⁷ FABRIS.. In: BARBAGLIO; FABRIS; MAGGIONI, **Os Evangelhos (I)**, 1990, p. 553.

¹⁸ MYERS, **O Evangelho de São Marcos**, 1992, p. 361. Sobre moedas, ver site disponível em: <http://iadrn.blogspot.com.br/2012/05/as-moedas-dos-tempos-biblicos.html> . Acesso em 11 de abril de 2017.



provocara a redução de 99 por cento, ficando em 1 por cento do preço anterior original.¹⁹

A ação de Jesus ao virar as mesas dos que vendiam pombas pode sugerir alguma crítica aos preços exorbitantes cobrados pelos pássaros utilizados como sacrifício dos pobres? Mesmo que o fato referido acima tenha ocorrido durante a redação do Evangelho de Marcos (por volta do ano 65 a 67), pode ser que esses abusos no preço das aves já existisse no tempo de Jesus.

Enfim, cambistas e vendedores de pombas representavam os mecanismos concretos de opressão dentro de uma economia que explorava duplamente os pobres e os impuros. Não só eles eram considerados cidadãos de segunda classe, mas o culto os obrigava a fazer reparação, por meio de sacrifícios, por causa do seu *status* inferior – situação em que os comerciantes tiravam proveito.²⁰

4.2 A proibição de carregar objetos religiosos no Templo

“Jesus não permitiu que ninguém carregasse objetos [do grego *skeuos*, que significa aqui vasos ou peças necessárias para o culto] através do Templo”. Com essa proibição, fica evidente que a mensagem é mesmo acabar com todas as operações ali existentes.²¹

Jesus quer que tenha fim todo o sistema cúltilo no Templo. O ato é coerente com os anteriores, ao “virar” (*katestrepsen*, que também significa “destruir”) os lugares usados pelos cambistas e vendedores de pombas.

O culto no Templo era um círculo vicioso, baseado na exploração econômica a qual era baseada na lógica religiosa da purificação ritual. Do ponto de vista econômico, o sistema se apropriava dos poucos recursos dos pobres, que compravam, a preços exorbitantes, animais para serem oferecidos em sacrifício; e, do ponto de vista religioso, o sistema cúltilo baseado no puro-impuro, mantinha a lógica perversa da

¹⁹ JEREMIAS, *Jerusalém no tempo de Jesus*, 1983, p. 51. MYERS, *O Evangelho de São Marcos*, 1991, p. 361.

²⁰ MYERS, *O Evangelho de São Marcos*, 1992, p. 362.

²¹ MYERS, *O Evangelho de São Marcos*, 1992, p. 362.



purificação, que obrigava os pobres a fazerem reparação contínua dos seus pecados e impurezas, por meio de sacrifícios de animais que compravam a preços exorbitantes.

Isso fazia do átrio dos gentios e de todo Templo, com sua intensa movimentação, um ambiente impróprio para o recolhimento espiritual, impossibilitando a necessária concentração para a oração. Aquele espaço sagrado, que deveria ser Casa de Oração, foi transformado num autêntico covil de ladrões.²²

5 A MENSAGEM TEOLÓGICA DE MC 11,15-19

Jesus aparece na narrativa como um dos antigos profetas de Israel que se levanta contra os desvios da prática cultual para restabelecer sua pureza e sua genuinidade. Na sua denúncia, reportando-se a Isaías 56,7, Jesus relembra que o Templo deveria ser uma casa de Oração, atividade totalmente gratuita e sem despesas com sacrifícios religiosos, comprados a preços exorbitantes, sobretudo para os pobres.

Portanto, afirma Joachim Gnilka²³, não é o ambiente sagrado do Templo que é indigno, mas antes a maneira como no Templo as pessoas se comportam, dos fiéis aos responsáveis pelo culto e pela administração do local. A ação de Jesus passa a ser então uma apaixonada convocação a uma mudança de mentalidade, um apelo à conversão. Nesse sentido, essa ação concorda com sua crítica a outras instituições importantes dentro do Judaísmo, tais como a crítica à prática da Lei [Torá], a crítica ao Sábado, que ele também não pretendia abolir, mas sim restaurar de acordo com a vontade de Deus. Desse modo, o protesto de Jesus no Templo tem como objetivo a sua restauração na vinda definitiva do Reino de Deus, conforme a escatologia²⁴ judaica estampada no belo poema de Tb 13,17

A ação de Jesus em Mc 11,15-19, no contexto literário dos capítulos 11 e 12, desmascara definitivamente as forças do mal no coração de Jerusalém, dentro de um dos pilares da Religião judaica, o Templo. É uma atividade messiânica, plenamente

²² **TEB - BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA**, 1994, nota de rodapé “u” que comenta Mc 11,16.

²³ GNILKA, Joachim. **Jesus de Nazaré: mensagem e história**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 257-258.

²⁴ Escatologia (do grego *eschatos*, "último", mais o sufixo -logia) é uma área da Teologia das coisas que devem acontecer no fim dos tempos.



coerente com sua primeira campanha missionária na Galileia, em que, segundo Ched Myers, Jesus age “para desacreditar os aparatos sociossimbólicos que discriminavam os fracos e os pecadores”.²⁵

De fato, em Mc 2,17, lemos: “As pessoas que têm saúde não precisam de médico, mas só as que estão doentes. Eu não vim para chamar justos, e sim pecadores”. Os mais pobres, pelo que estudamos até agora, não tinham condições de se purificar no Templo, em virtude do valor exorbitante das ofertas de purificação.

Desde o primeiro relato de milagre na sinagoga de Cafarnaum, em dia de Sábado (Mc 1,21-28), até agora, no relato de sua atuação no Templo de Jerusalém (Mc 11,15-19), Jesus se mantém fiel aos mais pobres, excluídos e estigmatizados com impureza religiosa, desmascarando o sistema religioso vigente que contribui para mais exclusão e estigmatização socioreligiosa.

CONCLUSÃO

Concluimos este nosso estudo esperando que tenha sido compreendido pelos leitores. Jesus, em confronto com as forças do mal, está presente no Evangelho de Marcos em diversas ações: curando pessoas de suas mazelas físicas e mentais; denunciando hipocrisia religiosa; ensinando com autoridade, a partir de hermenêuticas (interpretações) atualizadas da Torá, sem ficar preso à leitura fundamentalista.

Nos textos analisados, Jesus atua no coração do sistema religioso judaico de sua época: Jerusalém, Templo de Jerusalém, num período de Páscoa judaica. E atua também em confronto com os efeitos do poder opressor do Império Romano. O que ele quer? Quais suas intenções?

A denominação dos espíritos impuros como “Legião” é uma clara referência ao poder opressor do Império Romano. Essa identificação expressa como os cristãos interpretavam o exército romano. Viam-no como grande instrumento de força do

²⁵ MYERS, **O Evangelho de São Marcos**, 1992, p. 362.



Império. Suas atividades estavam alinhadas com a política da *pax romana*. Ninguém era capaz de deter esse poderoso exército.

Porém, diante da pessoa de Jesus, o geraseno foi libertado da condição de endemoninhado, que aqui equivale a vítima do poder do exército. Essa resignificação da possessão demoníaca desloca a origem dos males da esfera teológica para a esfera política. Ela também expressa que assim como os demônios agem sob o comando do diabo, uma vez que são seus anjos (mensageiros), o Império é também seu instrumento.

Jesus inaugurou novos tempos em que o mal começou a ser destruído e uma nova estrutura de poder está sendo implantada em contraste com o poder temporal opressor. Esse último transforma as pessoas em meros indivíduos passivos e livres de são juízo. Aquele instaura o Reino de Deus, onde todos podem gozar da experiência de uma libertação integral a partir da qual a impureza apassivadora cede lugar ao anúncio do Cristo libertador.

Penso que o leitor atento deste texto pode tirar suas conclusões. A coerência de Jesus, como líder religioso galileu, que agia na periferia do centro Jerusalém, tinha de atingir o coração do sistema sociopolítico-religioso da Palestina. E o fez de forma coerente, advertindo seu discipulado dos perigos que viriam desta postura.

Sua atuação em Jerusalém e no Templo é admirável. Ele continuou coerente com sua missão. E o fez de tal modo, que as autoridades judaicas (chefes dos sacerdotes e escribas) tinham receio de sua popularidade junto ao povo.

Penso que esses textos servem de alento, fôlego, hálito de vida, ânimo, coragem, vigor para continuar apaixonadamente fiel ao seguimento de Jesus, sem se deixar alienar por forças religiosas e ou políticas, no tempo que se chama hoje.

REFERÊNCIAS

BARBAGLIO, Giuseppe. **Jesus, hebreu da Galileia**: pesquisa histórica. São Paulo: Paulinas, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.



- FABRIS, Rinaldo. O Evangelho de Marcos. In: BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo;
- FITZMYER, Joseph A. **A interpretação da Escritura**: Em defesa do método histórico-crítico. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- GNILKA, Joachim. **Jesus de Nazaré**: mensagem e história. Petrópolis: Vozes, 200.
- HARRIS, Laird R. et al. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. **Bandidos profetas e messias**: movimentos populares no tempo de Jesus. São Paulo: Paulus, 1995.
- JEREMIAS, Joachim. **Jerusalém no tempo de Jesus**: pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário. São Paulo: Paulinas, 1983.
- MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos, I**. São Paulo: Loyola, 1990.
- McKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulus, 1983.
- MONASTERIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antonio Rodríguez. **Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Editora Ave Maria, 2000.
- MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1992.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Exército Romano**: conquista, terror e violência. PISTIS
- PRAXIS, Curitiba, v. 3, n. 1 , p. 69, jan/jun, 2011.
- SAULNIER, Christiane; ROLLAND, Bernard. **A Palestina no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1983.
- TEB – BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA**. São Paulo: Loyola, 1994.
- THEISSEN Gerd; MERZ, Annette. **O Jesus histórico**: um manual. São Paulo: Loyola, 2002.
- VAILATTI, Carlos Augusto. **Manual de Demonologia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

